

**Originalmente publicada em:** João Paulo Cotrim, *Maria Keil – A linha e o traço*, *Expresso*, suplemento *Actual*, 28 de Agosto de 2004.



*Auto-retrato, óleo sobre tela, 1941. © Maria Keil*

| ENTREVISTA |

## MARIA KEIL

«Procuro concretizar em linha e traço o que está escrito.»

João Paulo Cotrim

Na sua infinita modéstia, nada lhe obedece à vontade. As “coisas”, como o mundo, foram ter com ela, que se limitou a acolhê-las. Pediam-lhe uma ilustração, ela fazia. O marido precisava de resolver as paredes, ela pintava azulejos. Queria exprimir uma ideia, desenhava um móvel. E as “coisas” são a realidade, que persegue ainda na sua longa carreira nas artes gráficas, na ilustração, no azulejo, na pintura. Um olhar que é, como a artista, de simplicidade e elegância desconcertantes. E de uma extraordinária agudeza.

**Nasceu em Silves (9 de Agosto de 1914), mas veio para Lisboa muito cedo. Esta é, portanto, a sua cidade?**

Agora já é, mas tenho uma certa pena de não ser Silves, de não estar lá. Cheguei aqui com 15 anos, e aqui casei [em 1933] com aquele lindo moço que era o Chico [o arquitecto Francisco Keil do Amaral], um rapaz bonito e culto. Foi uma sorte ter entrado naquela classe de gente. A minha família não tinha mais cultura do que um vulgar burguês de província.

**Como foi a sua formação?**

Vim encomendada para a escola de Belas Artes por um professor de desenho da escola de Silves. Estive quatro anos na escola de Belas Artes, mas não acabei curso nenhum. Quando me conheceu, o Chico achou que era melhor estudar cá fora. Isso é que me valeu, porque cá fora estava um mundo deslumbrante. A escola era muito académica, necessária sobretudo para quem queria ir para o professorado.

**A sua intenção era a pintura.**

Sim, vinha para a pintura. Tive o Veloso Salgado, que era um óptimo professor porque não dizia nada. Dava o exemplo, mas não influenciava. Às vezes dizia, aqui põe-se uma pintinha para fazer a sombra... E era o que ensinava, depois íamos fazendo. Mas depois cá fora comecei a ver os pintores que contavam – não quero dizer da moda –, e que vinham de Paris cheios de ideias. O mundo abriu-se!

**Começou a trabalhar cedo...**

Comecei logo nas artes gráficas, o que era muito mal visto. Vinham ter comigo dizendo que “uma pintora não faz essas coisas”. O pintor era de cavalete, com modelo. O resto era trabalho, era para ganhar a vida. Mas aquilo é que era bonito de fazer! Depois apareceu o [Fred] Kradolfer, que trouxe uma lufada de ar fresco. Isto estava muito fechadinho, e havia a abertura dos que tinham dinheiro para ir a Paris, ver o que se passava. Aquele grupinho do ETP (Estúdio Técnico de Publicidade) era fantástico e incluía, além do Kradolfer, o José Rocha, Carlos Botelho e o Bernardo Marques. Foram eles que abriram a porta para se fazer boa publicidade aqui.

**E a ilustração?**

O primeiro livro que illustrei com desenhos meus foi o do [José Rodrigues] Miguéis, *Páscoa Feliz*. Não fiz em papel, fiz em chapa de vidro uma espécie de gravuras, não sei porquê, pois era muito mais difícil. Acho que depois foi muito difícil pôr aquilo no papel. E pronto, a gente começa por aí e depois vão aparecendo outras coisas.

**Era a ilustração o seu trabalho, digamos, mais pessoal?**

Não, pediam-me para fazer as coisas e eu fazia. Metia-me nos assuntos que iam aparecendo. Depois foi a Irene Lisboa [*Começa uma Vida*, assinado João Falco]. São muito maus aqueles desenhos!

### **Porquê?**

Eram muito duros, não eram livres, eram coisas ainda muito gráficas.

### **O que faz uma boa ilustração?**

Não sei! É quando toca as pessoas.

### **Como era o seu método de trabalho com os autores, conversava com eles?**

Não, mostrava-lhes as coisas e eles aceitavam. Os primeiros livros em comum foram com a Maria Cecília Correia [*Histórias da minha rua; Histórias de pretos e de brancos*]. Ela dizia, eu fazia e aí saiu um bocadinho melhor. Quando fazia sozinha, era duro, para ali cheia de medo, medo de não sair bem, de não agradar, de continuar ainda ligado à coisa gráfica, dura. É o caso da Irene Lisboa. Não gosto daquilo. Depois a gente vai por aí fora e é preciso muito cuidado para não ir atrás de modas. Tenho tido cuidado com isso. Faço o que sei, o que posso. Procuro concretizar em linha e traço o que está escrito. Por exemplo, nos contos tradicionais tem que se ir conforme o que está escrito, conforme a história. Não me ponho a divagar. Às vezes é bonito, quando se começa a fazer delírios à volta de uma pequena frase. Mas isso não sou capaz, não tenho liberdade...

### **Mas não gosta de infantilizar as ilustrações.**

Não, acho que é detestável isso. As crianças merecem mais respeito. Elas convivem com as coisas reais, pelo que me incomoda imenso que se faça uma coisa deturpada para entregar a um miúdo. Ainda não está a pensar na deturpação e já lhe impingem um olho aqui, outro ali.

### **Mas não é obrigatório que as ilustrações sejam figurativas...**

Não, não é. Sinto-me inferiorizada por não ser capaz de transformar as coisas escritas em algo assim floreado... acho que é incompetência, faço exactamente o que lá está. Ou mais ou menos. Por exemplo, na *Páscoa Feliz*, quando o homem cai pela escada abaixo e entorna as amêndoas, o que desenhei não pode ser real de maneira nenhuma porque o homem é enorme e vai pelas escadas acima, mas não é para crianças. Para elas não devia fazer assim...

### **... Como é que devia fazer?**

Um bocadinho mais real... Quer dizer, fazer exactamente não, porque também não sinto assim. O Miguéis tem uma fantasia extraordinária, portanto não está certo que se faça uns desenhos realistas, mas também deturpar ou deformar não pode ser.

### **Como escolhia os momentos para ilustrar?**

Eram os que me impressionavam mais no texto.

### **Que livro seu considera o mais conseguido?**

Gosto dos livros da Maria Cecília, que foram os primeiros ainda com desenhos duros... E gostei tanto de fazer o do Aquilino [Ribeiro: *O livro de Marianinha: lengalengas e toadilhas em prosa rimada*]. Era tão bonita, aquela história, aquela linguagem! E inventei

uma técnica com materiais diferentes, em papel mata-borrão... Perderam tudo na editora. Gostei imenso e o Aquilino não viu! Morreu justamente na altura em que lhe ia mostrar.

### **E os livros que também escreveu, como *As Três Maças*...**

São desenhos realistas... Foi muito difícil fazer aquilo. O mérito não é meu, é da Livros Horizonte, pois aquilo deu um trabalhão. Estavam as peças escolhidas, foi com as minhas indicações, mas eles é que fizeram o trabalho. Era para lançar nas escolas aquela ideia dos bonecos articulados para os miúdos fazerem. Não sei se pegou.

### **Nos anos 80 fez um estudo, para a Fundação Gulbenkian, sobre as tendências da ilustração para crianças. Que conclusões é que retirou?**

Que há muito que fazer! E que não se deve entreter as criancinhas com as nossas fantasias, pois o trabalho é para elas. Não se deve minimizar, nem fazer coisas que os miúdos não possam entender. Eles percebem tudo, não é preciso estar a deformar uma figura...

### **Também costuma dizer que convém deixá-los a olhar para as moscas...**

Acho isso muito importante! Depois até se pode desenhar a mosca... a voar. O miúdo apreende tudo e é uma massa moldável. Não devíamos fazer coisas que os deformem, não é? Parece-me a mim, mas pode ser uma opinião de velha, de reaccionária. Pode fazer-se uma coisa assim [abstracta] para o miúdo interpretar, mas às vezes é demais. Mas sei que estou errada, é como se estivesse a cortar as fantasias dos outros. É um problema sem saída. Ilustrar livros para crianças é uma coisa que não se sabe. Eles gostam do livro realista, e eu também, mas tem que haver qualquer coisinha que tire o vulgar, o barato, o tosco. Tem que ser uma coisa que dê gosto a quem a faça e que seja graficamente rica.

### **Ultimamente fez um diferente: *Anjos do Mal – Demos, demónios, diabos, etc...***

Uma vez desenhei um diabo no envelope e achei piada. Mais tarde reparei que estava uma caixa cheia: eram trinta e tal. Pensei dar um jeito àquilo e fiz aquela história. Não é carreira que se siga, que se continue. Gostei muito de fazer, mas não se pode fazer mais... Torna-se pastilha elástica.

### **Esses não são reais...**

Andam por aí! Mas são simpáticos...

### **E os motauros?**

Foi uma brincadeira. Estava ali no Cais do Sodré para atravessar e não podia: só motas a passar. Deu tempo para pensar que aquilo era uma réplica dos centauros. O homem só se via da cintura para cima, as pernas estão metidas no conjunto, fazem parte da máquina. Ao fim de passarem muitos, vi que era uma realidade: humano era só da cintura para cima, o resto fazia parte da máquina. E esta gente não vê isso! Então não se está mesmo a ver que eram homens-máquina: os motauros. Fiz os desenhos e umas colagens, mas o nome não pegou...

### **O azulejo é outra das suas grandes áreas de trabalho...**

O azulejo surgiu muito por causa do Metropolitano [de Lisboa], embora já tivesse feito coisas antes. E por ser um material barato. Aliás, não me pagaram nada: dezanove estações por amor ao arquitecto! O Chico chegou a casa a lamentar-se que não lhe davam dinheiro para forrar as paredes, que ia ficar tudo assim, cinzento nas paredes, no chão. Só havia dinheiro para as linhas e para as carruagens, mais nada. Parece que era assim, uma miséria desgradaçada. Então teve a ideia genial de pôr azulejos por serem baratíssimos. Forraram-se dezanove estações com azulejos, mas ninguém ligou nenhuma, nunca tive um elogio. Aquilo não era azulejo de artista: se é feito por operários não é arte... Na segunda fase, fui convidada pelo presidente do Metropolitano para almoçar e pensei que me ia convidar para fazer uma estação, o que me teria agradado muito, mas afinal não: era para fazer o retrato do Presidente. A gente farta-se de rir com estas coisas...

### **E o mobiliário?**

São das tais coisas que surgem e que é preciso fazer. Era uma exposição para mostrar trabalhos meus, alguns eram estudos para azulejos, o que era perfeitamente revolucionário. Então desenhei os móveis para aplicar talha de madeira. Fiz uma quantidade de desenhos de talha muito clássicos, sem novidade. Aquilo fez um certo barulho porque não estavam habituados a ver nem móveis com talha nem azulejos aproveitados de outra maneira. E lá começaram a pensar que, de facto, estava certo: o azulejo não é para deitar fora. Entretanto surgiu muita gente a fazer azulejo e hoje é uma festa.